



Dom Tomás Balduino, entre índios do Sul, pediu o testemunho deles sobre a missão da Igreja

Bispo nega conivência da Igreja na miséria indígena

Porto Alegre — O Bispo de Erexim (RS), Dom João Hoffmann, em cuja jurisdição episcopal se situa a reserva indígena de Votouro, contestou ontem as acusações do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) de que a Igreja Católica no Rio Grande do Sul é conivente com o extermínio e a miséria das populações de índios no Estado.

— As acusações não são procedentes, porque a Igreja sempre fez o que pôde, disse Dom João Hoffmann, ao concordar com as declarações de Dom Vicente Scherer, que acusou o Cimi de falsificar a história e de faltar à verdade. "No melhor estilo do anticlericalismo furioso de tempos remotos".

Omissão

Depois de lembrar que há mais de 10 anos que sua diocese realiza assistência religiosa no Toldo de Votouro, onde vivem mais de 200 kaingangues, Dom João Hoffman disse que "no plano de pastoral

do Rio Grande do Sul, a Igreja está voltada especialmente para os marginalizados e para a velhice. E os índios, pela sua própria história, são marginalizados, estão incluídos neste atendimento". Considerou "injustas" as acusações do relatório do Cimi, de que a Igreja acumulou privilégios e posses muitas vezes à custa deste povo e ainda hoje assume posições etnocêntricas, se omitindo ante os apelos e as angústias desta gente oprimida.

Manifestou o Bispo de Erexim que "existe uma preocupação da Igreja em relação aos índios, mas na nossa área enfrentamos problemas, por nos faltarem pessoas habilitadas no trato com o índio, no conhecimento de sua língua", reconheceu. Por um tratamento específico ao índio, já que sempre os tratamos em conjunto, como a outros grupos marginalizados. Mas lembrou que a Igreja atende também outras minorias, como a dos imigrantes, e enfrenta inúmeras dificuldades, inclusive de pessoal, no atendimento ao índio.

JB Cimi quer evitar polêmica 17/03/77

Curitiba — "A posição oficial do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) é não fazer crescer a polêmica. Não estamos a fim de guerrear entre nós mesmos. O nosso próprio trabalho é a resposta". As declarações são do presidente do Cimi, Dom Tomás Balduino, feitas durante a terceira assembleia regional do órgão, nesta Capital que ontem teve seu segundo dia de trabalho. Na pauta os membros do Cimi discutiram a evangelização e presença da Igreja no meio indígena.

Apenas sete índios estavam presentes até ontem nos trabalhos do Cimi. Dois são do Mato Grosso, quatro do Rio Grande do Sul e um de Santa Catarina. A ausência dos índios paranaenses foi explicada pelo Padre Natalício Wessensfelder, "terça-feira à tarde a sede regional da Funai, recebeu telegrama da direção nacional proibindo a saída dos índios do Estado para este encontro", informou ele, acrescentando que "mesmo os que vieram dos outros Estados estão aqui por conta própria e não pediram autorização da Funai para sair das suas reservas".

Resposta

— Com o Cimi assumido pela CNBB, ele próprio em sua caminhada vai ser uma resposta às críticas que se levantam aqui e acolá. Em vez de procurarmos responder ponto por ponto todas as acusações contra nós, que o Cimi seja, na sua própria vivência, a própria resposta", afirmou Dom Tomás Balduino. Ele acrescentou também que "neste nosso princípio de dar vez, damos uma voz aos índios, caberia a eles responder a quaisquer críticas que sejam feitas contra nós". Para o religioso "Dom Vicente Scherer voltou a criticar o Cimi na forma que ele estava sendo visto antes da assembleia. O documento de Ijuí levanta duas coisas: o problema das terras e a situação aflitiva dos índios. Em segundo lugar houve uma autocritica que a Igreja sempre faz e que Dom Vicente chama de anticlerical mas não é, apesar de ser contundente". Para ele uma discussão em

torno do assunto "enfraquece a causa indígena".

Anexação

Com a vinculação do Cimi à CNBB, tornando-o um órgão oficial Dom Thomaz revela que "existem exigências bilaterais. A CNBB quer uma comunhão das atividades com a pastoral. O Cimi quer um compromisso com a CNBB. Um apoio logístico de assumir e se comprometer. O Cimi tem que conceder e a CNBB tem que conceder. Vamos trabalhar juntos para descobrir esta filosofia. Esta pastoral indígena".

Ele reconhece que existem setores na Igreja que discordam das atividades do Cimi e revela que para enfrentar a resistência que existe hoje "só mesmo com uma corrente, um trabalho de fermentação que começa nas bases, nos missionários, que nunca vêm para o Cimi sob pressão, mas por sua própria vontade".

Já Dom José Gomes, Bispo de Chapécó, Santa Catarina, com uma reserva indígena na sua área de atuação afirma que "as críticas não estão nos assistando. Isso não nos preocupa e nem nos deixa magoados" e cita o exemplo do religioso francês Lefebvre dizendo que "ainda existe gente que é contra as determinações do Concílio".

Relacionamento

Dom Tomás Balduino comentou também o relacionamento entre o órgão oficial do Governo, a Funai e o Cimi. "Eu acho que na caminhada do Cimi tem que haver o diálogo de uma forma ou outra. As tensões havidas levaram a um certo mal-estar. A gente gostaria que esta liberdade de criticar fosse sempre garantida. Não vamos fazer um pacto de silêncio por motivos de estado. Agora, dentro disso, a gente acha importante continuar o relacionamento e vamos continuar com a generosa liberdade de apontar as falhas, estudá-las, pois a Funai não é um todo. Ela é um meio cujo fim é o índio. Vamos continuar a ser o porta-voz oficial das reclamações indígenas", concluiu Dom Tomás Balduino.